

DOI <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n31.15>

Literatura e história do Brasil em conversa com Maicon Tenfen

Literature and Brazilian history in conversation with Maicon Tenfen

Dafne Di Sevo Rosa*

Para Antônio Candido (2011), a literatura é um direito humano. Entendida pelo estudioso como uma necessidade básica fundamental para aquisição da dignidade e “um fator indispensável de humanização”, a literatura permite que a fantasia não só ajude a tornar a condição humana mais aprazível, como também possibilita o diálogo, a descoberta e a manifestação cultural.

O “e se” vivenciado por meio das narrativas é, dessa forma, imprescindível para a constituição do sujeito que se percebe não só como um indivíduo, mas principalmente como uma alteridade. Por esse motivo, o acesso à literatura nos anos que compõem a educação básica se torna essencial na formação dos novos leitores. É no debate favorecido pelas obras trabalhadas em sala de aula que professores e alunos extrapolam os limites preestabelecidos pelo conteúdo programático e a abordagem de temas transversais e socioemocionais é viável a partir de uma contextualização.

Essas e outras reflexões sobre a necessidade universal da obra de ficção no cotidiano individual e coletivo fizeram parte da conversa com Maicon Tenfen, realizada no dia 23 de abril de 2021, de forma remota. Maicon Tenfen é autor da trilogia *Quissama*, cujo primeiro volume foi finalista do Prêmio Jabuti em 2015 e selecionado pelo PNLD Literário

* Universidade São Judas Tadeu.

2018 e pelo programa Minha Biblioteca da Secretaria de Educação do Município de São Paulo. Além da série premiada, o autor escreveu mais de 20 obras de gêneros diversos, entre elas as mais recentes: *Dinamene* (2020) e *A biblioteca subterrânea* (2021).

A entrevista conta com o relato de experiência de leitura de *Quissama: o império dos capoeiras* (2014) com uma turma da 2ª série do Ensino Médio, em que o livro classificado como infantojuvenil foi lido e debatido como uma narrativa histórica, por meio da aproximação da ambientação do romance (Rio de Janeiro, durante o Segundo Império) e do Romantismo e Realismo – escolas literárias estudadas durante o primeiro semestre acadêmico.

Pergunta - No prólogo do romance, você narra a descoberta que fez na Biblioteca Nacional dos diários de Daniel Woodruff, um ex-agente da Scotland Yard, que viveu no Rio de Janeiro no século XIX. Você poderia contar com mais detalhes como foi a descoberta e a leitura desses diários?

Maicon Tenfen - De fato, na Biblioteca Nacional há inúmeros volumes de documentos históricos inéditos que merecem ser estudados e lá se encontram vários pesquisadores dedicados a essas leituras. No prólogo do primeiro livro da série está escrito: “A história de como os manuscritos de Daniel Woodruff chegaram às minhas mãos mereceria um livro à parte. Para não me alongar além do necessário, direi apenas que devo essa sorte à generosidade de Mônica Pontes, uma amiga de infância que atualmente trabalha no Arquivo Histórico do Rio de Janeiro” (2014, p. 4), mas, em realidade, Mônica é um anagrama do meu nome. Ou seja, o prólogo do livro é um recurso típico do folhetim, eu inventei a origem de um documento. Muitos livros do século XIX foram apoiados nesse mesmo recurso de descoberta quase mágica

de uma narrativa perdida ou esquecida e remoçada por um autor. O próprio José de Alencar diz ter feito isso no prólogo de *O guarani*. Na última página da edição de *Quissama* há o aviso “esta é uma obra de ficção, baseada na livre criação literária”, sobre a qual eu – no começo – fui completamente contra. A ideia original, inclusive, era publicar o livro dando a autoria a Daniel Woodruff e atribuindo a mim apenas a tradução, para sustentar ainda mais a mentira, mas o bom senso da editora prevaleceu.

Pergunta - É uma grata surpresa saber que tudo não passa de uma invenção literária. O valor da sua obra está também nesse “faz de conta” que antecede o enredo propriamente dito, pois a literatura cria um universo paralelo e quanto mais envolvente e convincente ele é, mais submerso nele o leitor se encontra e, conseqüentemente, o papel de diversão – um dos muitos e fundamentais exercidos pela literatura na sociedade – é melhor cumprido. Foi esse envolvimento com os fatos narrados e com a estrutura do romance que fez a leitura da sua obra ser tão instigante, importante e prazerosa para o grupo de alunas da segunda série do Ensino Médio e para mim como professora de literatura delas. Um dos principais pontos debatidos durante as aulas dedicadas ao seu romance foi a aproximação entre a sociedade brasileira do Segundo Império e a contemporânea. Essa aproximação é coerente para você?

Maicon Tenfen - A literatura é produto do seu tempo. Apesar de o romance histórico tentar fugir intuitivamente para outra época, essa fuga é parcial. Não é possível se libertar completamente daquilo que está acontecendo no seu tempo. No caso de *Quissama*, acredito, contudo, que foi proposital, porque há muitas passagens em que os personagens

falam como se estivessem mandando um recado para o futuro, como se houvesse uma consciência por trás da personagem sinalizando sobre determinadas questões. Entretanto, essa aproximação dos problemas sociais contemporâneos pode ser um perigo para o escritor, por desviar o romance daquilo que realmente interessa no gênero com a finalidade de discutir outras problemáticas. Pelo que eu entendi, por meio do que tu descreveste, o estudo desenvolvido em sala de aula foi muito interessante, porque é o outro lado do trabalho (pegar uma peça de ficção, abstrair e debater sobre uma determinada realidade). O problema é quando esse debate começa a acontecer diretamente no romance histórico, podendo inibir o envolvimento. Então, eu fui muito cuidadoso com isso, pois havia temas dentro da narrativa que quase obrigatoriamente puxavam assuntos mais contemporâneos.

Pergunta - Acredito que a estrutura do romance de folhetim também possibilite essas relações, pois aguça os leitores e propicia a discussão mais intensa e aprofundada. A estrutura de folhetim foi um dos motivos da indicação da leitura de *Quissama*, por se tratar de um gênero muito característico do século XIX, estudado durante as aulas de literatura. Grandes obras desse período, hoje consideradas clássicos da literatura universal, foram escritas nesse formato, mas atualmente só fazem parte do cotidiano dos adolescentes, na grande maioria das vezes, por meio das séries de televisão. O ritmo da narrativa, muito próximo do característico de outras mídias, somado à presença de personagens históricos, que de uma forma ou de outra os estudantes conhecem, favorece muito a abordagens de temas transversais. A história do Brasil pode ser um desses temas e a conspiração contra a Princesa Isabel e a tentativa de impedimento da assinatura da Lei Áurea

são um episódio muito propício para essa abordagem. Você pode comentar esses recursos narrativos?

Maicon Tenfen - A nossa história imperial, infelizmente, foi fraca. Não houve grandes conspirações palacianas, apenas coisas pequenas como um roubo de joias de uma viscondessa, mas conspirações políticas mais sérias foram poucas. A única coisa que aconteceu, se não me falha a memória, em 1886, foi o disparo de uma arma contra a carruagem imperial, onde estavam o D. Pedro II e a Princesa Isabel. Fora isso, a história da coroa portuguesa oferece pouca emoção, fator indispensável para a narrativa folhetinesca. Na minha opinião, a parte mais interessante dessa história imperial é que a Lei do Ventre Livre (1871) foi muito simbólica e causou na aristocracia um sentimento de traição. A ideia da conspiração que consta no romance surgiu por meio de uma conversa sobre esse assunto com Sidney Chalhoub, historiador da USP especializado na escravidão, que me disse que esse sentimento de traição faria com que a conspiração contra a Princesa Isabel e a tentativa de impossibilitar a assinatura da Lei Áurea fossem verossímeis, e foi nisso que me apoiei para criar a intriga do livro. A pergunta que deve rondar o ficcionista é: “esses fatos criados a partir da livre imaginação literária teriam sentido em uma outra realidade?”. Se a resposta for afirmativa, a ideia pode ser desenvolvida. Foi exatamente o que fiz, pois precisava de recurso ficcional coerente com o folhetim.

Pergunta - Essa verossimilhança não é só importante para o folhetim, como também para o desenvolvimento dos conflitos originários da rivalidade entre os dois grupos de capoeiras (Nagoas e Guaiamuns). O embate entre os capoeiras foi um dos assuntos mais comentados durante as aulas, por conta do estranhamento causado por um lado pela rivalidade entre os escravos e por outro lado pela lealdade deles para os seus senhores. Uma das alunas

que mais se dedicou à leitura é muito ligada à luta antirracista. É uma menina com descendência africana, cuja empatia com o protagonista (Vitorino Quissama) serve como motivação para ampliação dos estudos sobre o tema e aprofundamento dos argumentos. Como explicar para essa aluna e para os demais o motivo desses acontecimentos?

Maicon Tenfen - Essa é uma pergunta muito interessante. Eu entrei em contato com a capoeira pela primeira vez, em um sentido mais consciente, quando eu tinha por volta de 14 anos, quando eu li uma revista sobre cultura brasileira que continha uma visão muito folclórica sobre o tema. Existe um tipo de erro de avaliação histórica que diz que a capoeira foi criada como uma espécie de tentativa de combate aos escravocratas e, por isso, seria uma mistura de dança e luta. Tudo isso é muito folclórico. De fato, essas rixas entre os capoeiras existiram, por vários motivos: um deles era o fato de os escravos terem nacionalidades diferentes e, portanto, culturas diferentes; outro deles era o fato do sistema escravocrata aproveitar essas diferenças. Na escravidão brasileira também houve o hábito do senhor de escravos se colocar como um grande protetor desses homens e mulheres que eram, na realidade, suas propriedades. Tanto é que na literatura da época é muito comum a existência de um personagem que castiga um de seus escravos e se sente fracassado, pois não consegue cooptá-lo. No meu livro, eu quis registrar esse comportamento por meio da figura do Alemão Müller e da relação dele com os Guaiamuns. A rivalidade entre Guaiamuns e Nagoas também tem fundo histórico, pois o primeiro grupo é formado pelos negros da geração brasileira, enquanto o segundo é formado pelos negros de fato trazidos da África nos navios negreiros e eles não se consideram iguais. É importante salientar que eu me baseei em muitos livros sobre esse assunto para

escrever *Quissama*, os principais deles de autoria de Carlos Eugênio Líbano Soares (que assina o posfácio do romance), um historiador seríssimo da Universidade Federal da Bahia.

Pergunta - Acredito que o embate entre os Nagoas e os Guaiamuns fica ainda mais evidente no segundo volume (*Quissama: território inimigo*, 2018), quando os dois grupos estão do mesmo lado na Guerra do Paraguai, mas não conseguem superar as diferenças culturais e ideológicas. Uma reflexão que fica ecoando até o terceiro volume, um dos ganchos valorizados pela estrutura do folhetim. Gostaria que você comentasse um pouco mais sobre isso. Por que optar pela estrutura do folhetim?

Maicon Tenfen - Pois é, eu sempre fui um pesquisador do gênero e no começo eu queria fazer um verdadeiro folhetim. Teve uma época, aqui em Santa Catarina, que eu fiz um folhetim semanal, mas nós estamos em um outro momento, as mídias são outras e a ideia não durou muito tempo. O folhetim foi absorvido pela televisão e hoje está no *streaming*, onde o grande engajamento é provocado graças aos *cliffhangers*. A ideia era exatamente fazer todas essas aproximações, pois Daniel Woodruff (personagem-narrador do romance) é um homem do seu tempo, do século XIX, então eu imaginei que ele escreveria utilizando os recursos comuns naquele período e eu tentei imaginar como alguém que era daquele tempo e gostava de literatura se expressaria. A ideia foi fazer essa emulação de um gênero do século XIX. Aqui é importante ressaltar um outro ponto: naquele século, por todos os motivos históricos conhecidos, havia a necessidade de criação da identidade nacional, mas não havia possibilidade de fazê-la por meio da figura do europeu colonizador, nem do negro – parte significativa da população, mas não considerado um cidadão. Optou-se, como sabemos, pela figura

do índio já dizimado. No momento em que escrevi *Quissama*, eu me perguntei constantemente “como seria um romance romântico com um protagonista negro?”, tentando corrigir essa falha histórica e me apoiando na figura de um inglês como único personagem capaz de perceber o valor da história do Vitorino.

Pergunta - Essa sua tentativa é muito válida, porque aproxima as discussões em sala de aula dos ideais literários propostos pela terceira geração romântica. No seu romance tem dois personagens que eu acredito que são fundamentais para toda essa reflexão: um deles é o próprio Daniel Woodruff com a visão do estrangeiro e o outro é José de Alencar, que habita o imaginário, principalmente dos professores de literatura, e surge como personagem de ficção. Na tentativa de construção da identidade nacional ele é, talvez, o primeiro nome que vem à mente daqueles que estudam ou conhecem um pouco de literatura, mas, na realidade, era um escravocrata.

Maicon Tenfen - As cartas a favor da escravidão, escritas pelo Alencar entre 1867 e 1868, foram um material que me deixou muito chocado. A ideia de escrita do meu romance surge por meio de um material que coletei durante as minhas pesquisas, que afirma que em 1862, mais ou menos, D. Pedro II fez a fala do trono – discurso que abria os trabalhos legislativos – solicitando aos parlamentares uma solução para o elemento servil e a Lei do Ventre Livre parecia ser a solução mais viável, evitando também uma possível guerra civil – como a ocorrida nos Estados Unidos –, receio de muitos políticos, inclusive do Alencar. Com a Guerra do Paraguai (1864-1870) toda essa discussão foi esquecida e o mote do enredo que criei veio disso. Infelizmente, a história comprova

que o Alencar tinha mais preocupação com a economia do Brasil e no livro representa o conservadorismo.

Outra personagem que precisa ser comentada é Bernardina, fio condutor de todo o enredo e extremamente misteriosa e cativante. Como foi a construção dessa e de outras personagens?

Maicon Tenfen - O personagem histórico, como o José de Alencar, é mais fácil de ser construído. O trabalho maior é na fidelidade dos acontecimentos e da cronologia histórica, porque a mentalidade já está exposta – principalmente no caso do escritor que deixou tantos registros. No caso da personagem fictícia, eu me preocupei muito com a verossimilhança comportamental histórica. Por exemplo, no caso do Vitorino Quissama, um adolescente com uma certa revolta – em uma época que a adolescência não era reconhecida – provavelmente não seria amigável, principalmente se ele tivesse “poderes”. Para a Bernardina, não foi diferente. É uma mulher cuja vida não foi nada fácil e, talvez, por isso seja tão cativante.

Pergunta - A Bernardina é uma personagem que supera limites: enfrenta o Alemão Müller para proteger o filho, tem vontade própria, é determinada e em sala de aula permite o debate sobre a mulher na sociedade brasileira naquela época e hoje. Sem dúvida nenhuma a importância dela para a narrativa vai além dos mistérios que acarreta à trama. A relação dela com os dois protagonistas também é muito envolvente, por ser mãe de um e causar o interesse amoroso no outro. O que esperar da relação amorosa entre ela e Daniel Woodruff?

Maicon Tenfen - O inglês é um personagem à Sherlock Holmes, muito dedutivo e muito solitário. Daniel é um homem que perdeu muita coisa e,

por isso, está em busca de algo. No começo ele acredita que seja uma busca antropológica, materializada pelo interesse em artes marciais, mas, na realidade, é a procura de uma segunda chance. Nesse processo, surge a figura enigmática da Bernardina – que enquanto é somente mencionada no primeiro livro, já chama a atenção dele. Então, ela é uma personagem completamente idealizada nesse primeiro volume da trilogia. O desfecho dessa relação entre eles é uma das grandes surpresas do terceiro volume (com lançamento previsto para 2022).

Para terminar, gostaria de registrar os depoimentos de cinco alunas sobre a leitura de *Quissama: império dos capoeiras*.

“A leitura possibilitou muitas reflexões sobre questões que hoje deveriam ser mais debatidas. Achei muito interessante a presença de figuras históricas tão importantes para o país nessa narrativa cativante e fluida.” (J.S. – 15 anos)

“O livro foi surpreendente, inovador e envolvente durante toda a narrativa. Em outras circunstâncias, sem a indicação da leitura feita pela professora, provavelmente nunca teria escolhido essa obra, que me trouxe reflexões muito profundas sobre temáticas ainda atuais. Estou muito interessada na continuação da saga e em outros livros do autor.” (V.L.S. – 16 anos)

“Esse foi o único livro que eu consegui ler até o final, portanto, foi um marco na minha vida. A leitura me proporcionou diversão e empatia com os protagonistas. Estou esperando ansiosamente pelo terceiro volume.” (T.D.G. – 16 anos)

“O autor nos apresenta discussões sociais e conhecimento histórico de maneira leve, acessível e envolvente. Explica a origem de temas que lidamos até hoje (como racismo estrutural, crime organizado, corrupção), narrando como a sociedade brasileira vem sendo construída.” (L.M.V. – 16 anos)

“Obrigada, Maicon, por abordar temáticas tão significantes em um formato tão leve. *Quissama*, além de ter sido uma boa leitura, despertou meu interesse pela história do Brasil e pelas suas brechas.” (M.B.S. – 16 anos)

Referências

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários escritos*. 5. ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2011.

TENFEN, Maicon. *Quissama: o império dos capoeiras*. 1. ed. São Paulo: Biruta, 2014.

TENFEN, Maicon. *Quissama: território inimigo*. 1. ed. São Paulo: Biruta, 2018.

Recebido em: 12/09/2021

Aprovado em: 11/10/2021